



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com a comunidade brasileira

Georgetown-Guiana, 15 de fevereiro de 2005

Muito mais extraordinário foi ter ouvido, hoje, do presidente Jagdeo a afirmação – e o Embaixador acabou de dizer, agora – do respeito, do comportamento e da seriedade com que os brasileiros e brasileiras que estão aqui têm se comportado na sua relação de trabalho, na sua relação com o povo da Guiana, fazendo com que, durante três anos, a gente não tenha tido nenhum problema sério diplomático entre os dois países, tanto por conta de vocês, aqui, quanto dos guianenses que estão no Brasil.

Quero dizer para vocês que nós estamos vivendo um momento importante no Brasil. Um momento, eu diria, o mais importante dos últimos tempos, pelo sonho que nós tínhamos de fazer a economia brasileira voltar a crescer, de fazer a produção industrial voltar a crescer. Nós terminamos o ano de 2004, um ano excepcional, fazendo com que a produção industrial fosse a maior desde 1986, portanto, tivemos, no ano passado, a maior produção industrial dos últimos 18 anos.

Isso significa o surgimento de mais empregos, significa mais pagamento de salário, significa mais distribuição de renda. Significa que nós estamos conseguindo colocar o Brasil num caminho que era o nosso desejo: fazer com que o Brasil volte a crescer economicamente e que não seja um crescimento de um ano ou de dois anos, mas que seja um ciclo de crescimento que permita que o Brasil possa crescer 10 ou 15 anos sucessivamente, para que a gente possa pagar as dívidas que o Brasil tem com o seu povo, acumuladas durante



tantos e tantos anos de descaso, sobretudo, com a parte mais empobrecida da nossa população. Eu acho que nós encontramos o caminho e nós não queremos jogar fora essa oportunidade. Nós queremos que o Brasil continue, de forma serena, trilhando um caminho de crescimento.

Este ano, nós batemos o recorde de exportação de toda a história do Brasil. Nós exportamos 96 bilhões de dólares. Se Deus quiser, nós vamos chegar no mês de março e atingir a meta histórica de 100 bilhões de dólares de exportação. Você vai até poder comprar uma máquina nova, das mais modernas que tem por aí. Ele está dizendo que vai ter ônibus novo este ano, aqui, fazendo a rota até a fronteira.

Nós tivemos um problema da ponte do rio Tacutu. Essa ponte tem um problema sério, porque o Tribunal de Contas brasileiro, em 2001, paralisou a obra por conta de irregularidades. Segundo o Tribunal de Contas, tinha corrupção; segundo o Tribunal de Contas, a metragem da ponte é maior do que o rio. Então nós, agora, estamos, junto com o Ministério dos Transportes, trabalhando junto com o Tribunal de Contas, que deu uma série de coisas para que o Ministério dos Transportes possa cumprir. E nós achamos que em 60 dias nós poderemos cumprir as tarefas que o Tribunal de Contas deu para que o Ministério dos Transportes regularize as obras.

Vamos ter que entrar em contato com a empresa que estava construindo, porque há suspeita de irregularidades. E se a empresa não estiver disposta a mudar o contrato, nós vamos tentar construir a obra com o batalhão de engenharia do nosso Exército.

Mas a gente assumiu o compromisso hoje, aqui, com o governo da Guiana.

Como o Ministro da Educação veio aqui fazer alguns acordos, na área da educação, o nosso Ministro da Saúde veio fazer alguns acordos na área da saúde, para ajudar. E nós achamos que isso está dentro de uma visão política que nós estabelecemos quando eu ganhei as eleições, ou seja, tentar



aproximar o máximo possível a América do Sul.

Muitas vezes a gente fica olhando os países mais distantes, olhando a Europa, olhando os Estados Unidos, se bem que são parceiros extremamente importantes e nós precisamos cultivá-los bem, precisamos tratá-los bem. Mas a América do Sul está muito próxima de nós, nós fazemos fronteira com todos os países, menos com o Equador e com o Chile.

Este ano nós criamos a Comunidade Sul-Americana de Nações, todos os países da América do Sul já estão participando do Mercosul. Nós estamos com um grande processo de integração da América do Sul e, sábado, nós inauguramos a primeira ponte entre Brasil e Bolívia, depois de 500 anos. O Brasil está financiando uma estrada que liga o Acre ao Pacífico, ou seja, uma estrada enorme que nós estamos financiando via BNDES, o Proex... é uma estrada de quase mil quilômetros. E vamos, também, discutir o financiamento da estrada que liga a ponte até Georgetown, para facilitar o escoamento da produção não apenas da Guiana, mas facilitar o escoamento da produção do Brasil. E, quem sabe, encontramos empresários brasileiros dispostos a fazerem um porto em águas profundas, aqui, para que a gente possa transitar parte da produção do Norte do país por aqui. E, ao mesmo tempo, criar as condições para que as Guianas estejam mais próximas. Nós temos um bom desenvolvimento industrial, agroindústria de ponta que, por isso, pode ter aqui um canal muito grande das nossas exportações.

Brevemente nós vamos fazer com que o Brasil seja o primeiro país da América do Sul a ter fronteira com a Europa, ver se a gente consegue fazer com que os nossos produtos cheguem lá. Ontem fomos à Venezuela fazer um grande acordo com o presidente Chávez. E penso que num menor espaço de tempo a gente vai estar conseguindo integrar a América do Sul. Nós recuperamos o Correio Nacional e, agora, vamos criar o Correio Internacional, que é um avião brasileiro que vai percorrer os países da América do Sul trazendo gente, levando gente, trazendo médicos, levando doente, levando



gente boa, trazendo encomendas, ou seja, é uma coisa que vai funcionar.

E nós, também, estamos conscientes – está aqui o Ministro do Turismo, está aqui o Ministro da Indústria e do Comércio – nós estamos conscientes que o Brasil, embora seja um país pobre, do ponto de vista do seu PIB, da sua produção, nós, como a maior economia do Continente, temos a obrigação de ajudar os países mais pobres. Então, vejam, nós nunca vamos esperar que a Guiana possa ter um avião levando pessoas para o Brasil. Nós é que temos que fazer com que um avião brasileiro venha aqui buscar os brasileiros que queiram viajar para lá, e guianenses que queiram voltar para lá.

Quando eu voltar, agora, para o Brasil, vamos ter uma reunião com o nosso Ministério da Defesa, com as nossas Forças Armadas, com o nosso Departamento de Aviação Civil e com o Ministro do Turismo. Eu pedi para ele me apresentar uma proposta porque, muitas vezes, a gente está em São Paulo, a gente está em Brasília, está no Rio de Janeiro, está em Minas Gerais, e a gente não tem dimensão do sofrimento das pessoas que estão mais distantes.

Eu vou dizer para vocês uma coisa, o nosso Governador do Acre, para estar numa reunião em São Paulo, ele tem que andar a noite inteira, porque só tem um vôo por noite. E, aqui, não tem nenhum por noite, nem por dia. Aqui tem um aviãozinho lá de Roraima, de uma empresa, acho que é semanal. Eu acho que o Brasil tem que assumir essa responsabilidade. Nós vamos ter gente que vai nos criticar, mas é uma obrigação nossa garantir isso.

Vejam, se nós temos mais indústria, se nós temos mais possibilidade de trazer coisas para a Guiana, para nós é interessante que o empresário da Guiana tenha possibilidade de ir ao Brasil, porque, se ele não puder ir, pegará um navio daqui e irá para a Inglaterra, irá para outro lugar qualquer.

Da mesma forma que nós precisamos garantir que vocês, brasileiros, que estão aqui, possam ir à terra de vocês, trazer coisas para vender aqui,



comprar novas máquinas e transitar com mais tranqüilidade, para poderem até sentir prazer na vida e não estarem tão distante dos parentes.

Tem até uma coisa, viu, companheiros? Nós estamos importando carvão da China. A Venezuela é rica em carvão. Então, ao invés de a gente ficar andando 15 mil quilômetros para ir buscar carvão na China, a Venezuela está mais próxima de nós. Nós temos que fazer parceria com a Venezuela, nós vendemos alguma coisa para eles e compramos o carvão deles, e fica tudo mais próximo, tudo mais perto, e desenvolve-se a Venezuela e desenvolve-se o Brasil.

E a Guiana precisa muito do Brasil. Vocês conhecem bem e sabem que é um país pobre, pequeno, que tem um PIB muito pequeno. E com qualquer ajudazinha que o Brasil der, no desenvolvimento da cana-de-açúcar, aqui, pode ajudar muito. O Brasil pode ajudar na agricultura, aqui, e pode ajudar muito. Nós temos a Embrapa, que tem um conhecimento como poucas instituições no mundo têm.

Então nós, agora, vamos recuperar um pouco o erro que a elite política brasileira cometeu ao longo de 500 anos. Durante 500 anos, a gente ficou de costas para o nosso continente e de frente para a Europa e para os Estados Unidos. Isso foi muito bom, isso foi interessante, mas agora nós temos que olhar um pouco para os nossos irmãos aqui, da banda, e ajudarmos, porque a gente pode ganhar muito mais com isso.

Então é isso, meus queridos companheiros e companheiras. Em função do horário, eu e a Marisa queremos pedir desculpas a vocês, nós vamos ter que sair, porque é uma hora até o aeroporto, mais uma hora até Paramaribo e, depois, já temos uma hora de atraso. Temos umas dez reuniões, ainda, hoje, para fazer. E vocês sabem que eu não sabia que era o “Dia do Namorado”, não vim nem preparado para namorar, senão não tinha preparado uma agenda tão longa como nós fizemos, hoje, para chegar no hotel à meia noite, uma hora da manhã.



Gente, um grande beijo. Que Deus abençoe a todos vocês que estão aqui. E podem ficar certos que logo, logo, as coisas irão melhorar. E, certamente, vai chegar, aqui, um churrasco de boa qualidade.

Gente, um abraço.